A filosofia e os demais ramos do saber humano

Aristóteles

Introdução à Filosofia

Prof.ª Dr.ª Alexsandra Andrade Santana

Tópicos da aula

- Introdução à Aristóteles
- O conhecimento e o saber
- As características da sabedoria e sua passagem à filosofia
- A admiração, a perplexidade, ou o espanto
- Filosofia como ciência divina
- As quatro causas
- Os filósofos da natureza
- A filosofia e as outras formas de conhecimento

Introdução à Aristóteles

Aristóteles

- Discípulo de Platão
- Sistematizou todo o conhecimento da sua época
- Fez vários avanços no método lógico e cientifico
- Grande autoridade em matéria de filosofia e ciência até o início da modernidade.

Principais obras *Corpus aristotelicum*

- Organon (lógica)
- Física (natureza)
- Metafísica (filosofia primeira)
- História dos animais (mundo dos vivos)
- Ética a Nicômaco
- Política
- Poética (retórica)

Metafísica

Origem do termo “Metafísica”:

- Decorrente da sistematização da obra de Aristóteles (Séc. I a.c.)
  - Obra que vinha imediatamente após o livro da Física
- Decorrente do conteúdo
  - Pesquisa do suprassensível e transcendente
    - “superior” à física e “posterior” à física

Objeto de estudo:

- primeiros princípios e as primeiras causas de toda realidade.

Coletânea de 14 livros com unidade especulativa

Metafísica

- Filosofia primeira
- Sapiência
- Teologia
- Ciência buscada
- Ciência do ser enquanto ser
- Ciência da substância

Metafísica (edição)

- Tradução
  - grego → italiano → português
- Edição crítica organizada por Giovanni Reale

Metafísica (trechos selecionados)

- Livro A (Primeiro)
  - Capítulo 1
    - [A sapiência é conhecimento de causas]
  - Capítulo 2
    - [Quais são as causas buscadas pela sapiência e as caraterísticas gerais da sapiência]
  - Capítulo 3
    - [As causas primeiras são quatro e análise das doutrinas dos predecessores como prova da tese]

O conhecimento e o saber

O conhecimento e o saber

“Todos os homens por natureza tendem ao saber” (Aristóteles, Metafísica, 980a 21).

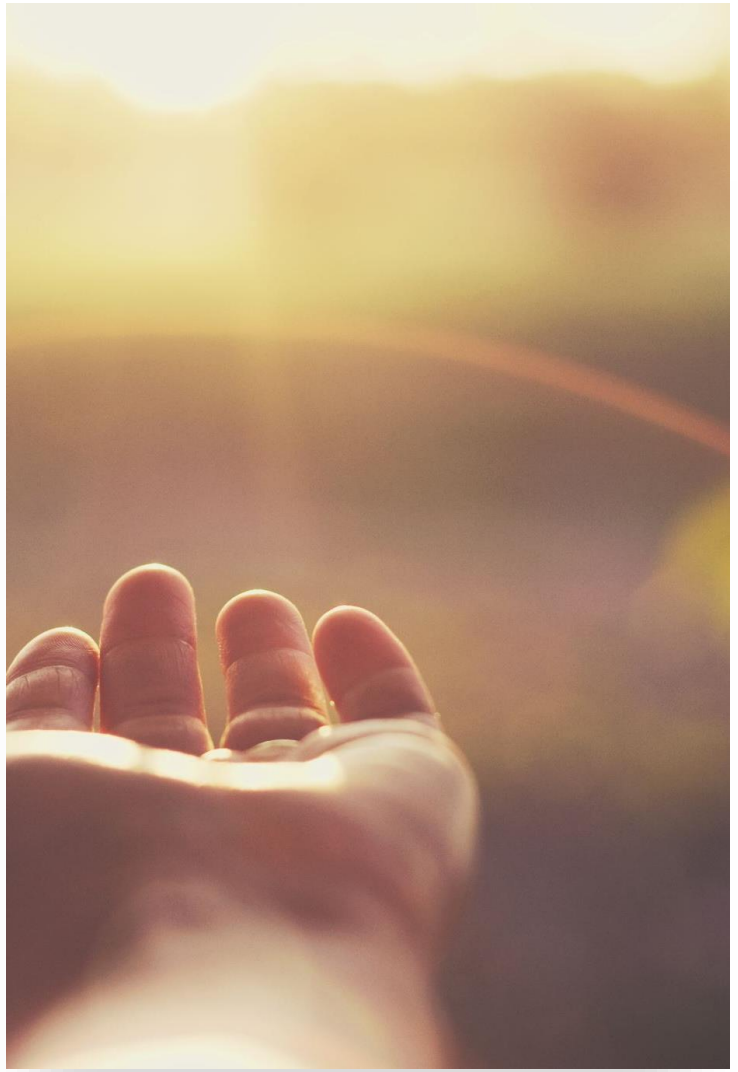
- Desejo de saber (impulso natural) → atitude filosófica
- Conhecer é saber

Formas do conhecimento

- Sensação
- Lembranças ou memória
- Experiência
- Arte
- Ciência

Sensação

- Conhecimento pelos órgãos do sentido
- Visão é a preferida porque:
  - “proporcionar **mais conhecimentos** do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas” (Aristóteles, Metafísica, 980a 26-7).



Lembranças ou memória

- Memórias sensíveis (animais e humanos)
- Memórias abstratas (humanos)

- Possibilita aprender a partir das sensações
  - Sensação → memória → experiência

Experiência

- Experiência sensível (animais e humanos)
- Experiência abstrata (humanos)

- Um estado psicológico *resultante* da multidão das lembranças de um mesmo objeto
- “o estado de consciência resultante de um conjunto de lembranças abstratas, mas particulares” (Colle, Métaph., I, p. 11).

Arte

A arte “é algo muito próximo da *ciência*, enquanto implica, justamente, *conhecimento dos universais*.” (Reale, 2002b [V. 3], p. 8, grifo do autor).

O nosso conceito de 'arte' não reflete adequadamente o sentido da palavra grega. Esta tem em comum com 'arte' a tendência à aplicação e ao aspecto prático. Por outro lado, em oposição à tendência 'individual' criadora, 'não submetida a nenhuma regra' (para muitos implícita hoje na palavra 'arte'), acentua o fator concreto do saber e da aptidão, que para nós estão ligados ao conceito de especialidade. A palavra *techne* tem em grego uma extensão muito mais vasta do que a nossa palavra 'arte'.

(Continua...)

[Techne] Designa **toda profissão prática baseada em determinados conhecimentos especializados** e, portanto, não só a pintura, a escultura, a arquitetura e a música, mas também, e talvez com maior razão ainda, a **medicina**, a **estratégia militar** ou a **arte da navegação**. A palavra significa que **estas tarefas práticas ou estas atividades profissionais não correspondem a mera rotina**, mas baseiam-se em **regras gerais e conhecimentos sólidos**; neste sentido, o grego *techne* corresponde freqüentemente, na terminologia filosófica de Platão e Aristóteles, à moderna palavra *teoria*, sobretudo nas passagens em que se contrapõe à mera experiência. *Techne*, por sua vez, distingue-se, como teoria, da 'teoria' no sentido platônico de 'ciência pura', já que aquela teoria (a *techne*) é sempre concebida em função de uma prática. (Jaeger, *Paideia*, II, *apud* REALE, 2002b [V. 3], p. 9).

Arte

Dito isso, também está resolvido o problema da relação entre experiência e *techne*: esta [*techne*] deriva diretamente da primeira [experiência], mas dela se distingue nitidamente, enquanto opera uma radical passagem de plano, elevando-se do conhecimento do particular ao do universal. (Reale, 2002b [V. 3], p. 9).

A arte se produz quando, de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes (Aristóteles, Metafísica, 981 a 7).

Experiência

- Dados dos sentidos
- “O que Aristóteles chama de ‘experiência’, em contrapartida, [é] a faculdade cognitiva que ainda não está articulada em sentenças, não envolve razões e contra-razões [justificação].” (Tugendhat, 2007, p. 14).

Arte

- Dados dos sentidos → busca as *causas* e os *porquês*
- “Somente quando o universal é entendido como tal e está em uma certa relação com o singular, resulta uma referência ao universal” (Tugendhat, 2007, p. 14).

Arte x Ciência

A “ciência é conhecimento *demonstrativo* do que é *necessário* e eterno; a arte é, ao contrário, ‘disposição ou hábito produtivo acompanhado de razão’, tendo como objeto não o necessário e o eterno, mas ‘aquelas coisas que podem ser diferentes do que são’ [ou seja, o contingente].” (Reale, 2002b [V. 3], p. 11).

A sabedoria e o sábio

A sabedoria e o sábio

- O sábio é capaz de ensinar a sabedoria
  - Sabedoria é o conhecimento das causas
  - O sábio conhece as causas

- A sabedoria não se destina a uma finalidade prática
  - Arte “voltadas para as necessidades da vida”
  - Artes voltadas para o “bem-estar”
  - **Ciências** que nem visam o prazer nem as necessidades

A sabedoria e o sábio

- A sabedoria se destina ao necessário e ao eterno – à ciência

  “E a finalidade do raciocínio que ora fazemos é demonstrar que pelo nome de sapiência todos entendem a pesquisa das causas *primeiras* e dos princípios.” (Aristóteles, *Metafísica*, 981 b 28, grifo nosso).

  “É evidente, portanto, que a sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e certas causas.” (Aristóteles, *Metafísica*, 982 a 2).

Conhecimento do sábio em geral

1. O sábio conhece "**todas as coisas**", mas não cada uma em particular
   - Conhece o *universal* e possui a ciência do *universal*

   "Quem tem conhecimento do universal conhece 'só em certo aspecto', vale dizer, em *potência*, os particulares." (Reale, 2002b [V. 3], p. 13).

2. O sábio conhece **as coisas difíceis**, que são justamente os universais, e são assim por estarem distantes do conhecimento sensível
   - Os *universais* são "os fundamentos, as condições, as razões metafísicas de *todas as coisas*, e são ditos 'universais', antes 'universais supremos', justamente enquanto explicam todas as coisas." (Reale, 2002b [V. 3], p. 13-4, grifos do autor).

Conhecimento do sábio “mais sábio”

3. O **mais sábio** é o que possui o conhecimento **mais exato**
   - Mais exato é sobretudo o conhecimento mais simples, e tais são os princípios primeiros.

4. O **mais sábio** é o que “é mais capaz de ensiná-las [as causas] aos outros”
   - A ciência que mais indaga as causas supremas é a mais capaz de ser ensinada.

Ciência da maior sapiência

5. A ciência de maior sapiência é aquela que **se escolhe em vista do conhecimento ou do saber em si** e assim é "na ciência do que é maximamente cognoscível".
   - "De fato, *desejável por si* é a ciência que é tal em máximo grau; ora, essa ciência só pode ser a ciência do que é em máximo grau cognoscível; mas em *máximo grau cognoscíveis* são, justamente, os *primeiros princípios*!" (Reale, 2002b [V. 3], p. 14)
6. A ciência **superior** a todas as outras ciências é a **ciência do fim**.
   - O fim é o sumo bem e se remete à causa primeira.

Da Sapiência à Filosofia

"[Segundo Tomás de Aquino], desse parágrafo em diante, com efeito, será demonstrada a tese de que *o sapiente busca a sapiência por amor à própria sapiência e não por amor a outra coisa* e, portanto, ele em boa razão é [...], filósofo, *amator sapientiae*".

(Reale, 2002b [V. 3], p. 15).

A filosofia busca "o conhecimento unicamente em vista do saber" e por isso ela é "livre".

A admiração, a perplexidade, ou o espanto

Que, depois, ela [a filosofia] não tenda a realizar coisa alguma, fica claro a partir das afirmações dos que por primeiro cultivaram a filosofia. De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo.

(continua...)

Ora, **quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe**; e é por isso que também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo: o mito, com efeito, é constituído por um conjunto de coisas admiráveis. De modo que, se **os homens filosofaram para libertar-se da ignorância**, é evidente que **buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber** e não por alguma utilidade prática.

(continua...)

E o modo como as coisas se desenvolveram o demonstra: quando já se possuía praticamente tudo o de que se necessitava para a vida e também para o conforto e para o bem-estar, então se começou a buscar essa forma de conhecimento. É evidente, portanto, que não a buscamos por nenhuma vantagem que lhe seja estranha; e, mais ainda, é evidente que, como chamamos livre o homem que é fim para si mesmo e não está submetido a outros, assim só esta ciência, dentre todas as outras, é chamada livre, pois só ela é fim para si mesma.

(Aristóteles, *Metafísica*, 982 b l l-28).

O segundo espanto

Por outro lado, a posse dessa ciência deve nos levar ao estado oposto àquele em que nos encontrávamos no início das pesquisas. Como dissemos, todos começam por admirar-se de que **as coisas sejam tais como são**, como, por exemplo, diante das marionetes que se movem por si nas representações, ou diante das revoluções do sol e da **incomensurabilidade da diagonal com o lado de um quadrado**. Com efeito, a todos os que ainda não conheceram a razão disso, causa admiração que entre uma e outro não exista uma unidade mínima de medida comum. Todavia é preciso chegar ao estado oposto e também melhor, conforme afirma o provérbio. E assim acontece, efetivamente, para ficar nos exemplos dados, **uma vez que se tenha conhecido a causa**: **nada provocaria mais admiração num geômetra do que se a diagonal fosse comensurável com o lado**.

(Aristóteles, *Metafísica*, 983 a 11-23).

Filosofia
como ciência divina

A filosofia é uma ciência livre, mas os homens não o são. Seria a filosofia uma ciência adequada aos homens?

Por isso, também, com razão poder-se-ia pensar que a posse dela [da filosofia] não seja própria do homem: de fato, por muitos aspectos a natureza dos homens é escrava, e por isso Simônides diz que “Só Deus pode ter esse privilégio”, e que é conveniente que o homem busque uma ciência a si adequada. E se os poetas dissessem a verdade, e se a divindade fosse verdadeiramente invejosa, é lógico que veríamos os efeitos disso sobretudo nesse caso, de modo que seriam desgraçados todos os que se distinguem no saber. Na realidade, não é possível que a divindade seja invejosa, mas, como afirma o provérbio, os poetas dizem muitas mentiras: nem se deve pensar que exista outra ciência mais digna de honra.

(continua...)

Mas uma ciência só pode ser divina nos dois sentidos seguintes: (a) ou porque ela é ciência que Deus possui em grau supremo, (b) ou porque ela tem por objeto as coisas divinas. Ora, só a sapiência possui essas duas características. De fato, é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio, e, também, que Deus, exclusivamente ou em sumo grau, tenha esse tipo de ciência. **Todas as outras ciências serão mais necessárias do que esta, mas nenhuma lhe será superior**. (Aristóteles, *Metafísica*, 982 b 30-983 a 10).

As quatro causas

Quatro causas

- Causa formal – forma ou essência das coisas (causa primeira, substância)

  > [...] é o princípio determinante e a natureza íntima de cada coisa, ou seja, aquele princípio que faz com que algo seja exatamente aquela determinada coisa e não outra. (Reale, 2002b [V. 3], p. 18).

- Causa material – aquilo de que é feita uma coisa (substrato, matéria sensível)

Quatro causas

- Causa eficiente ou motora – mudança e movimento

  [...] é a condição necessária para que se ponha em movimento e se efetue qualquer processo de geração, ou para que tenha lugar qualquer tipo de movimento (Reale, 2002b [V. 3], p. 18).

- Causa final – propósito das coisas e ações

Os filósofos da natureza

Sobre os predecessores

Aristóteles quer demonstrar que ninguém descobriu causas e princípios além dos que ele indica no início desse capítulo e na Física [...]; antes, quer demonstrar que todos os filósofos falam daquelas causas e princípios, embora com pouca clareza e com pouco rigor. (Reale, 2002b [V. 3], p. 18).

Os que por primeiro filosofaram pensaram que os **princípios de todas as coisas fossem exclusivamente materiais**. De fato eles afirmam que aquilo de que todos os seres são constituídos e aquilo de que originariamente derivam e aquilo em que por último se dissolvem, é elemento e é princípio dos seres, na medida em que é uma realidade que permanece idêntica mesmo na mudança de suas afecções [...]: de fato, deve haver alguma realidade natural (uma só ou mais de uma) da qual derivam todas as outras coisas, enquanto ela continua a existir sem mudança. (Aristóteles, *Metafísica*, A 3, 983 b 6-18).

Tales, iniciador desse tipo de filosofia, diz que o princípio é a água (por isso afirma também que a terra flutua sobre a água), certamente tirando esta **convicção** da **constatação** de que o alimento de todas as coisas é úmido, e da **constatação** de que até o calor se gera do úmido e vive no úmido. **Ora**, aquilo de que todas as coisas se geram é o princípio de tudo. Ele tirou, pois, esta convicção desse fato e também do **fato** de que todas as sementes de todas as coisas têm uma natureza úmida, **sendo a água o princípio da natureza das coisas úmidas**.

(continua...)

Há também quem acredite que os mais antigos, que por primeiro discorreram sobre os deuses, muito antes da presente geração, também tiveram essa mesma concepção da realidade natural. De fato, afirmaram Oceano e Tétis como autores da geração das coisas, e disseram que aquilo sobre o que juram os deuses é a água, chamada por eles de Estige. Com efeito, o que é mais antigo é também mais digno de respeito, e aquilo sobre que se jura é o que há de mais respeitável. Mas não é absolutamente claro que tal concepção da realidade tenha sido tão originária e tão antiga; ao contrário, **afirma-se que Tales foi o primeiro a professar essa doutrina da causa primeira** [...]. (Aristóteles, *Metafísica*, A 3, 983 b 20-27).

De fato, Aristóteles apresenta o próprio nascimento do pensamento filosófico com os pré-socráticos como *um advento do logos que se substitui ao mito na explicação das coisas*. E, com efeito, é justamente esse o modo pelo qual a filosofia entendeu no passado e entende ainda hoje a própria identidade sem exceção.

(Reale, 2014 [Vol. 1], p. 162, grifo do autor).

Recapitulação

A1 demonstra que sapiência é ciência de causas e princípios (de *certas* causas e *certos* princípios, dizem as duas últimas linhas; [...]), A2 explica que essas causas e esses princípios são os *primeiros* e *supremos*, e A3 determina *quais são* as causas e os princípios primeiros (as *quatro* célebres causas [formal, material, eficiente e final]). (Reale, 2014 [V. 1], p. 11-2, grifos do autor).

Referência Bibliográfica

ARISTÓTELES. Livro A1-3. In: ARISTÓTELES. **Metafísica**. Vol.2 Edição de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002a. p. 2-21.

ARISTÓTELES. **Metafísica** – Aristóteles: ensaio introdutório Vol.1. Edição de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ARISTÓTELES. **Metafísica**: Sumários e comentário. Vol.3. Edição de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002b.

TUGENDHAT, Ernst. Um filósofo em busca de uma concepção de filosofia. In: TUGENDHAT, Ernst. **Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem**. Ijuí-RS: Editora Unijui, 1992. p. 12-8.